

Profissão sem brilho

Profissão sem brilho

■ Geralmente, os jovens com baixo desempenho no vestibular optam por Pedagogia

Se a profissão de professor já teve grande importância no passado, hoje é difícil atrair jovens talentos para a carreira, avaliam especialistas no *Dia do Professor*, comemorado ontem. Quase 2 milhões de professores trabalham nas salas de aulas de escolas públicas e particulares de educação básica no país. As informações são da *Agência Brasil*.

Os alunos que entram nos cursos de Pedagogia são, em geral, aqueles com baixo desempenho no vestibular ou no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Uma análise dos inscritos para a edição do exame em 2007 mostra que, entre os candidatos com pior nota, a probabilidade de um deles escolher o Magistério é três vezes maior do que entre aqueles com melhores notas.

Quem ingressa nos cursos de Pedagogia, que formam os professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, tem um perfil específico: baixo nível socioeconômico e pais com escolaridade baixa.

Dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) mostram que 41,6% dos estudantes de Pedagogia têm renda mensal até três salários mínimos e quase um terço (32,1%) concilia os estudos com

o trabalho para contribuir com o sustento da casa.

Os pais de quase metade dos alunos têm grau de escolaridade baixo: 46,5% estudaram só até a 4ª série do Ensino Fundamental e quase 70% cursaram o Ensino Médio integralmente em escola pública. Os dados referem-se ao Enade 2005, os mais recentes disponibilizados pelo Ministério da Educação.

PROBLEMA ANTIGO

O assessor especial da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) Célio da Cunha alerta que o problema de desvalorização é antigo. "A universalização do Ensino Fundamental foi feita à custa dos baixos salários dos professores", avalia.

Pesquisa da **Fundação Victor Civita**, realizada no ano passado com 1,5 mil jovens, apontou que apenas 2% dos estudantes de Ensino Médio querem ser professor. O conselheiro nacional de Educação, Mozart Neves Ramos, acredita que quatro ações principais podem solucionar esse quadro: melhores salários, bons planos de carreira, formação inicial sólida e condições de trabalho adequadas.

Na avaliação de Mozart Neves, o Brasil deveria inspirar-se no que fizeram os países que hoje têm os melhores índices educacionais, como Cingapura, Coreia do Sul e Finlândia. "Eles conseguiram atrair 20% dos alunos mais talentosos para o magistério simplesmente com um salário inicial atraente. Esse tem que ser o primeiro passo", defende Ramos.

Profissão sem brilho

GEYZON LENIN



Sala de aula não atrai novos talentos, a começar por salários baixos

SAIBA +

A secretária de Educação Básica do Ministério da Educação, Maria do Pilar Lacerda, diz que além de melhores salários, a valorização da carreira passa pela melhoria dos índices educacionais, com recuperação da credibilidade da escola.

Pilar, que é professora de História e começou a lecionar na década de 1970, acredita que a sala de aula é um ambiente de trabalho que "tem a ver com a juventude. Não existe muita rotina quando se trabalha com crianças e jovens, há uma provocação constante".